

Book Review: M^a Carmen López Sáenz e César Moreno Márquez (Eds.). *Del tiempo: Perspectivas fenomenológicas*. Madrid: Editorial Dykinson. 2024. 273pp.

Isabela Carolina Carneiro de Oliveira
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
isabela.carolinacarneiro@gmail.com



Reception date: 05-10-2024
Acceptance date: 11-12-2024

A fenomenologia desde os escritos iniciais de Edmund Husserl sobre o tempo nega que a única forma possível de experienciarmos o tempo seja através dos relógios e cronômetros (Hua X: 4). O tempo objetivo enquanto uma grandeza física é apenas um dos modos de concebermos as marcações temporais em nossas vidas (cf. Alves, 2008: 150). Para tanto, conforme sabemos, vivenciar o tempo remete as modificações da consciência, ou seja, as presentificações [*Vergegenwärtigungen*] tais como retenções (consciência do que “ainda” está em fluxo e das fases que acabaram de passar), recordações (consciência de passado) e protensões (consciência das fases que estão por vir ou consciência de futuro). Sobretudo, a análise da temporalidade fenomenológica não pode desconsiderar as nossas vivências [*Erlebnisse*]. Husserl apresenta na sua investigação genética da constituição que a vivência do tempo abrange as experiências dos outros, as nossas emoções, afetos, paixões, surpresas, etc. Esse amplo horizonte fenomenológico aparece juntamente à necessidade de compreendermos a relação entre o mundo da vida [*Lebenswelt*] e o presente vivo [*lebendige Gegenwart*] (Hua Mat. VIII: 7, 24)

O livro *Del tiempo: Perspectivas fenomenológicas* (*Do tempo: Perspectivas fenomenológicas*) contém investigações sobre certos aspectos da fenomenologia que são pouco conhecidos. No entanto, retrata uma diversidade de contribuições de extrema relevância para o entendimento das múltiplas dimensões de sentido embutidas na concepção do tempo fenomenológico. O livro é composto por cinco capítulos. O capítulo 1, “Dar-se tempo. Abertura ao futuro e aos outros” (*Darse tiempo. Apertura al futuro y a los otros*), possui dois artigos: (i) “Tempo de outros” (*Tiempo de otros*) de Bernhard Waldenfels e (ii) “A paciência como demora. Uma aproximação fenomenológica ao tempo da paciência” (*La paciencia como demora. Una*

aproximación fenomenológica al tiempo de la paciencia) de Patricio Mena Malet. Em (i) Bernhard Waldenfels apresenta um artigo que provoca inquietude reflexiva no leitor. Para além de uma perspectiva subjetiva do tempo, é feita uma contextualização temporal da alteridade principalmente no desenvolvimento das nossas ações futuras. Futuro esse que, segundo o autor, pressupõe a morte recorrente e o nascimento contínuo. Portanto, aponta para um futuro que surge como estranheza. Almeja-se a existência de um “*ethos* do tempo” que erige necessariamente de uma “fenomenologia responsiva” na busca por *pathos* e respostas de cunho ético, social e político. Em (ii) Patricio Mena esclarece que a paciência é vista como um dos modos em que a experiência perdura, mas também é pontuado que a paciência é essencialmente inerente tanto à filosofia quanto ao ato de filosofar. Ademais, o autor descreve a paciência como uma experiência de fundo na existência humana. Existência essa que está aberta aos outros e ao mundo num tempo em que a expectativa de futuro corresponde a espera.

O capítulo 2, “Tempo e sentimentos” (*Tiempo y sentimientos*) conta com dois artigos: (i) “Tipos de sentimento segundo Husserl. Sua relação com o sentido da temporalidade” (*Tipos de sentimiento según Husserl. Su relación con el sentido y la temporalidad*) redigido por Roberto Walton e (ii) “Sobre o desenvolvimento temporal do ódio e suas formas” (*Sobre el desarrollo temporal del odio y sus formas*) de Ingrid Vendrell Ferran. Em (i) Roberto Walton lembra-nos de que “a gradualidade dos sentimentos acontece paralelamente a gradualidade das afecções” (Walton, 2024: 49). O autor elucida a relação entre os sentimentos e as afecções, a sedimentação e a projeção intersubjetiva sobre o futuro. Conforme sabemos, a afecção é o despertar [*wecken*] de uma intenção dirigida aos objetos e acontecimentos, portanto, “a afecção segue primordialmente o devir constitutivo” (Hua XI: 153). Em (ii) Ingrid Vendrell Ferran explicita que há uma relação entre as nossas vivências sedimentadas e a especificidade fenomenológica do ódio, relacionando a afetividade com a alteridade experienciada pelo ego a partir da consciência interna do tempo.

O capítulo 3, “Tempo e genesis da subjectividade” (*Tiempo y génesis da la subjetividad*), é composto por três artigos: (i) “O sujeito que vive sobre o tempo” (*El sujeto que vive sobre el tiempo*) de Pilar Fernández Beites, (ii) “Do afeto ao sentido ao fio do tempo. Um itinerário husserliano” (*Del afecto al sentido al hilo del tiempo. Un itinerario husserliano*) de Rosemary Rizo-Patrón de Lerner e (iii) “Mais adiante da filosofia da subjectividade. Oito teses para uma ontologia fenomenológica no horizonte da teoria do tempo” (*Más allá de la filosofía de la subjetividad. Ocho tesis para una ontología en el horizonte de la teoría del tiempo*) escrito pelo Pedro M. S. Alves. Em (i) Pilar Fernández Beites estabelece que a noção de sujeito é imprescindível ao entendimento do que seria o sujeito no tempo. Além de mencionar o “não

ser” do passado nas perspectivas de Heidegger e Sartre, a autora apresenta uma análise sobre o problema da espacialização do tempo. Destacam-se em suas investigações as seguintes temáticas: o tempo objetivo do mundo, as intencionalidades transversal [*Querintentionalität*] e longitudinal [*Längsintentionalität*] e a omnitemporalidade [*allzeitlichkeit*]. Contudo, o que nos interessa a partir dessas explicações é o entrelaçamento da dupla intencionalidade da consciência absoluta – transversal e longitudinal, e a dupla intencionalidade da retenção no fluxo, porque isso assegura a compreensão da unidade da consciência na correspondência e adequação entre a intencionalidade transversal nas fases do fluxo e a intencionalidade longitudinal que constitui o tempo imanente¹. Em (ii) Rosemary Rizo-Patrón de Lerner descreve geneticamente, a partir de um “fio temporal,” a conexão sintética e teleológica dos extratos da vida consciente, espiritual e racional. Nesse ponto, a autora almeja aclarar a imbricação entre o “subsolo anímico” e o “surgimento de um espírito racional” – entre as afecções e o ideal do *logos*. Ademais, trata-se de destacar a importância do foco atencional e a sua capacidade de proporcionar uma mudança de perspectiva (Hua XXXIII: 3-4)². Em (iii) Pedro M. S. Alves explicita suas oito teses ontológicas sobre a existência do sujeito no horizonte temporal. Na tentativa de elucidar a ontologia da subjetividade (meta-subjetividade) ressalta que sua pesquisa é simultaneamente histórica, hermenêutica, crítica e sistêmica. Nesse cenário, a certeza apodítica do “eu sou” não pode ser pensada como uma autarquia ou pura autonomia. Para tanto, cita autores como Descartes, Kant, Fichte e retoma Husserl no contexto transcendental após a “redução radical” descrevendo a perspectiva do “ego fenomenologizante” no “presente vivo e fluente” [*lebendige strömende Gegenwart*] (Hua Mat. VIII: 93, 109, 141). Nesse ponto, Pedro Alves esclarece em sua análise que deve-se buscar uma possível “transgressão” da filosofia do sujeito, mas de modo que a fenomenologia permaneça fiel “as coisas mesmas” e ao modo de doação das objetividades. O autor enfatiza que na atitude transcendental, após a *epoché*, é fundamental o ato de reflexão. A reflexão torna possível a evidência apodítica de que eu apareço a mim mesma com esta vida que percebo sendo a minha. No entanto, como nos mostra o autor, no solo da certeza apodítica a reflexão depende da pré-doação das vivências e do horizonte do tempo imanente. A partir do exposto, observa-se que a certeza só pode ser encontrada no “ponto irreduzível do presente vivo e fluente” (Alves, 2024:

¹ No presente artigo a autora deixa claro seu interesse pelas “retenções conscientes.” Entretanto, no que tange o enigma [*Rätsel*] do inconsciente fenomenológico, o seguinte também deve ser levado em consideração: a retenção, entendida como “passividade” leva a um zero retencional que não deve ser o nada, mas antes sedimentação (Hua XLII: 62).

² Sobre o tema da atenção, ver Hua XIX/I §§ 18-23 e Hua XXXVIII §§ 17-29. Sobre o tema do interesse, ver Hua XXXVIII §§ 23, 25–27, Apêndice II e Hua XXXI §§ 4 e 5.

165) onde a reflexão é pensada em conjunto com a autoconsciência e a consciência pré-reflexiva³.

O capítulo 4, “Tempo e Ser” (*Tiempo y Ser*), conta com dois artigos: (i) “Temporalidade existencial e consciência do tempo” (*Temporalidad existencial y consciencia del tiempo*) de Ramón Rodríguez e (ii) “Futuro adveniente e enquanto tanto presente. São Pablo em Heidegger” (*Futuro adveniente y mientras tanto presente. San Pablo en Heidegger*) de José Manuel Chillón. Em (i) Ramón Rodríguez parte da fenomenologia “ontológico-existencial” de Heidegger para explicitar a ideia de “uma existência extraída da vida fática.” Utilizando as terminologias de *Ser e Tempo* (*Sein und Zeit*), o autor elucida o “ser possível” [*Möglichsein*] na medida em que a conduta humana está enraizada no mundo passível de realizações e possibilidades. O artigo possui o objetivo de elucidar duas questões: como se acessa a temporalidade própria da existência e em qual lugar da existência estaria a consciência interna do tempo. Para tanto, o autor desenvolve uma “leitura temporal do *Dasein*” como fundamento possível ao ser do *Dasein*. A partir disso, relaciona a consciência do tempo com a experiência temporal e a temporalidade ontológica. Nesse ponto, destaca-se o uso do relógio como acesso à “experiência habitual do tempo.” Por fim, ressalta que a temporalidade ontológica não pode ser considerada um objeto da consciência ou uma experiência do tempo, pois o que verdadeiramente importa é o caráter originário da temporalidade, ou seja, é preciso dar conta de demonstrar como surge da temporalidade ontológica – o tempo da existência e a sucessão temporal. Em (ii) José Manuel Chillón apresenta a influência de São Pablo no pensamento de Heidegger. Segundo o autor, essa influência fez com que Heidegger adotasse duas concepções sobre o tempo: uma escatológica, na qual viver é estar consciente de que a morte pertence ao futuro e que este fato é capaz de diminuir as possibilidades de ser do *Dasein* e outra concepção que pode ser qualificada como messiânica, onde há a ocorrência de outros modos de vida a partir de novas formas de se pensar o *Dasein* e a expectativa pendente de um Deus que está por vir. Observa-se que a experiência cristã é uma autêntica “experiência fática da vida” [*faktische Lebenserfahrung*]. Nesse aspecto, segundo o autor, ocorre a “transfiguração” do tempo cronológico em temporalidade vivida. Assim, na facticidade da vida religiosa ocorre a mudança dos modos de existir.

O capítulo 5, “O tempo do mundo no tempo da vida” (*El tiempo del mundo en el tiempo de la vida*), contém três artigos: (i) “Novas perspectivas genéticas: nos rastros da instituição temporal” (*Nuevas perspectivas genéticas: en las huellas de la institución temporal*) de

³ Uma análise interessante sobre a possibilidade da reflexão fenomenológica sobre o presente vivo pode ser encontrada em Sakakibara (2010). Ver também Oliveira (2024).

Mariana Larison, (ii) “Idades da vida e presente partilhado: notas para uma ética da contemporaneidade” (*Edades de la vida y presente compartido. Notas para una ética de la contemporaneidad*) de Alicea M^a de Mingo Rodríguez e (iii) “Presente vivente [*lebendige Gegenwart*] e envelhecimento” (*Presente vivente [lebendige Gegenwart] y envejecimiento*) de M^a Carmen López Sáenz. Em (i) Mariana Larison apresenta uma breve introdução sobre o conceito de tempo na história da filosofia. Por conseguinte, faz uma análise inspirada na obra de Merleau-Ponty destacando o conceito de “transtemporalidade” com o objetivo reelaborar o aspecto transpessoal da vida. Em (ii) Alicea M^a de Mingo Rodríguez contextualiza a nossa existência no tempo a partir da idade cronológica, entre o nascer e morrer. Aborda a tese de Alfred Schütz sobre a sociedade contemporânea e a relação com os nossos antecessores (antepassados) e sucessores. Segundo a autora, tal vínculo é condição de possibilidade para aquilo que chamamos de “tradição.” Por conseguinte, apresenta a distinção de Ortega y Gasset entre os conceitos de “contemporaneidade e coetaneidade,” ambos fundamentais ao entendimento da complexidade de convivermos na nossa época. A partir disso, descreve a dificuldade de nos colocarmos “no lugar” de outra pessoa com idade distinta. Por fim, desde uma perspectiva levinasiana, enfatiza a preocupação com o futuro ético da humanidade. Em (iii) M^a Carmen López Sáenz investiga a interpretação de Merleau-Ponty sobre o presente vivente de Husserl. Em sua análise, elucida a experiência do envelhecimento no presente vivo, tematizando esta abordagem a partir da perspectiva de Simone de Beauvoir, mas sugerindo uma nova concepção sobre o tema da velhice.

Concluindo, observa-se que o livro visa através de novas perspectivas fenomenológicas o enriquecimento dos debates contemporâneos sobre o tempo vivido. Certamente, é possível que ele viabilize a criação de novos caminhos de pesquisa, permitindo que os leitores tenham acesso a novas abordagens alternativas, mas sem negligenciar os temas já desenvolvidos pela fenomenologia.

Agradeço à pesquisadora M^a Carmen López Sáenz pelo envio do livro.

Referências

Alves, P. M. S. (2008). «Tempo objetivo e experiência do tempo: A Fenomenologia husserliana do tempo perante a relatividade restrita de A. Einstein». *Investigaciones Fenomenológicas*, 6, 145-180.

Alves, P. M. S. (2024). «Más allá de la filosofía de la subjetividad. Ocho tesis para una ontología en el horizonte de la teoría del tiempo». In: M. C. López Sáenz e C. Moreno Márquez (eds.). *Del tiempo: Perspectivas fenomenológicas*. Madrid: Editorial Dykinson, 153-172.

[Hua X] Husserl, E. (1928). *Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins (1893-1917)*. Ed. Rudolf Boehm. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1966

[Hua XI] Husserl, E. (1966). *Analysen zur passiven Synthesis. Aus Vorlesungs und Forschungsmanuskripten, 1918-1926*. Ed. Margot Fleischer. Netherlands: Martinus Nijhoff.

[Hua XIX/I] Husserl, E. (1984). *Logische Untersuchungen. Zweiter Band I. Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis*. Ed. Ursula Panzer. Netherlands: Martinus Nijhoff.

[Hua XXXI] Husserl, E. (2000). *Aktive Synthesen: Aus der Vorlesung "Transzendente Logik" 1920/21. Ergänzungsband zu "Analysen zur passiven Synthesis"*. Ed. Roland Breeur. Netherlands: Kluwer Academic Publishers.

[Hua XXXIII] Husserl, E. (2001). *Die Bernauer Manuskripte über das Zeitbewusstsein (1917/1918)*. Ed. Rudolf Bernet, Dieter Lohmar. Dordrecht, Netherlands: Kluwer Academic Publishers.

[Hua XXXVIII] Husserl, E. (2004). *Wahrnehmung und Aufmerksamkeit. Texte aus dem Nachlass (1893-1912)*. Ed. Thomas Vongehr e Regula Giuliani. New York: Springer.

[Hua Mat. VIII] Husserl, E. (2006). *Späte Texte über Zeitkonstitution (1929-1934). Die C-Manuskripte*. Ed. Dieter Lohmar. New York: Springer.

[Hua XLII] Husserl, E. (2013). *Grenzprobleme der Phänomenologie. Analysen des Unbewusstseins und der Instinkte. Metaphysik. Späte Ethik. Texte aus dem Nachlass 1908-1937*. Ed. Rochus Sowa, Thomas Vongehr. Dordrecht, Heidelberg, London, New York: Springer.

Oliveira, I. C. C. de. (2024). «Reflexão e autopercepção: Algumas incursões sobre o ato reflexivo na fenomenologia de Edmund Husserl». *Revista Instante*, 6(2), 91-107. <<https://doi.org/10.29327/2194248.6.2-5>>

Sakakibara, T. (2010). «Reflection upon the living present and the primal consciousness in Husserl's phenomenology». In: D. Lohmar and I. Yamaguchi (ed.). *On Time - New Contributions to the Husserlian Phenomenology of Time*. Phaenomenologica 197. Dordrecht, Heidelberg, London, New York: Springer, 251-271.

Walton, R. (2024). «Tipos de sentimiento según Husserl. Su relación con el sentido y la temporalidad». In: M. C. López Sáenz e C. Moreno Márquez (eds.). *Del tiempo: Perspectivas fenomenológicas*. Madrid: Editorial Dykinson, 47-68.